

CORPO DE VIDRO

Novela criada e escrita por
WAGNER JALES

Capítulo 26

Esse texto é propriedade de seu autor e da ONTV. Qualquer violação dele pode acarretar punição nos termos da lei de Direitos Autorais.

NO CAPÍTULO ANTERIOR

Lavínia é socorrida após o acidente, seu estado é grave;

Lavínia passa por uma cirurgia delicada por conta das fraturas e de uma hemorragia interna;

Amanda e Dafne saem para um bar, sendo assediadas por dois homens violentos;

Após a cirurgia, o médico traz uma notícia que deixa Eva totalmente transtornada, a ponto de cometer vandalismo e agredir enfermeiros.

01. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - NOITE.

CONTINUAÇÃO DO CAPÍTULO ANTERIOR: Um enfermeiro abraça Eva com força, que observa o outro profissional caído no chão. Ela se debate, ensandecida, tentando se libertar.

MÉDICO

Vou chamar a segurança pra levar
essa louca embora daqui.

MARIANO

Não precisa, doutor, eu mesmo vou
levá-la pra casa.

(p/ Natália)

Você pode ficar aí sozinha?

NATÁLIA

(em choque)

Claro, eu... eu fico, sim.

MARIANO

Qualquer coisa, me liga que eu
venho correndo.

EVA

(gritando)

Você vai pagar caro, seu médico
charlatão! A ira de Deus vai
recair sobre a tua cabeça em
peso.

MARIANO

(gritando mais alto)

Cala a boca, Eva! Você tá com o
diabo no couro, mulher?

Eva para, de repente, assustada com as palavras. Uma
lágrima singular escorre do seu olho direito.

MARIANO

(firme)

Eu vou te levar pra casa agora.
Se você continuar com essa
balbúrdia, esse escândalo, eu
mesmo aciono a polícia pra te
prenderem. É o que você quer?

Eva continua parada, vidrada. O enfermeiro a solta devagar, ela permanece estática. Mariano segura sua mão e vai guiando-a para fora do hospital.

Natália olha ao redor, ainda em choque, deparando com o vandalismo: muitos papéis espalhados, paredes arranhadas, pessoas assustadas e o enfermeiro ferido, desmaiado. Nela perplexa:

02. INT. CASA DE EVA E MARIANO. COZINHA - NOITE.

Mariano pinga algumas gotas de calmante em um copo com água, se vira e entrega o utensílio à Eva, que está sentada à mesa. Ela pega hesitante, encara a água parada, volta o olhar para Mariano.

MARIANO

Eu devia era te dar um tarja
preta. Bebe isso logo!

Ainda titubeante, Eva bebe devagar, consumindo até o último gole de água. Repousa o copo sobre a mesa sem tirar os olhos de Mariano. Ele se curva diante dela, mantendo os olhos na altura dos dela.

MARIANO

Eu espero que você se deite pra
dormir e pense no que fez. As
pessoas ficaram apavoradas, elas
devem estar pensando que o cão se
apossou do corpo.

Eva faz menção de falar, Mariano a sobrepõe:

MARIANO

Foi o que pareceu, que o diabo
tomou conta de você. É essa a
postura que uma mulher cristã,
evangélica, clemente a Deus,
feito você, deve ter?

EVA

(voz embargada)
Nosso neto, Mariano...

MARIANO

Vai deitar, Eva. Vou voltar pro hospital e aguardar notícias da nossa filha. Qualquer coisa eu te ligo.

Mariano fica ereto e sai andando. Eva faz tenção de segurá-lo e dizer algo, porém recua. No seu olhar perdido, fragilizado:

03. INT. DELEGACIA DE POLÍCIA. SALA DO DELEGADO - NOITE.

Luciano aperta a mão do delegado, um homem bem alto, barbudo e forte, então os dois se sentam frente a frente, a mesa de vidro os separando.

LUCIANO

Então, delegado, é que eu não conseguia dormir sem saber o que de fato aconteceu com a minha irmã. Ela nunca bateu o carro, nem mesmo arranhão, por isso esse acidente ficou muito estranho.

DELEGADO

Segundo testemunho de transeuntes, um carro preto estava perseguindo o da vítima, desferindo xingamentos. Chegou até a arremessar um objeto contra o veículo dela.

LUCIANO

Mas por quê? O que Lavínia fez pra desencadear essa perseguição?

DELEGADO

Ainda não sabemos. Já entrei em contato com o DETRAN para termos acesso às filmagens das câmeras de vigilância do trânsito.

Em Luciano sério:

04. INT. DELEGACIA DE POLÍCIA. SALA DE INFORMÁTICA - NOITE.

Numa sala com vários monitores, um agente policial reproduz um vídeo de uma câmera de trânsito. Atrás dele, de pé, Luciano e o delegado assistem à filmagem.

Depois de alguns carros e ônibus passarem, o carro de Lavínia surge, com um veículo preto no seu encalce. O perseguidor joga o veículo contra Lavínia, a apertando contra o meio-fio rente ao canal que corta a via.

O vídeo termina. O agente policial acessa outra filmagem onde é possível ver o carro preto pressionando Lavínia contra o meio-fio, até que seu carro sobe a calçada, voa sobre a ciclofaixa e cai com força dentro do canal.

O carro preto foge em alta velocidade, furando um sinal vermelho adiante, quase batendo na lateral de outros veículos. O policial congela a imagem e dá zoom, sendo possível enxergar a placa do automóvel.

LUCIANO

(rangendo os dentes)

Quero esse homem preso, delegado.
Faça o que for preciso, mova céus
e terras. Se não prenderem ele,
eu mesmo vou atrás desse
desgraçado.

Em Luciano cheio de rancor, uma lágrima rolando pela sua bochecha esquerda:

05. EXT. DELEGACIA DE POLÍCIA. FACHADA - NOITE.

Luciano emerge da delegacia, mergulhando em um mar de repórteres e cinegrafistas. Vozes pedindo algumas palavras, um depoimento ou uma entrevista se misturam, atordoando Luciano.

Luciano acotovela os profissionais, impaciente, saindo do tumulto de gente. Ele caminha com pressa, desce para o asfalto do estacionamento e se aproxima da sua moto.

Antes de subir no veículo, Luciano para, olha os repórteres com o canto do olho. Uma viatura policial para, os agentes descem, entram no meio dos jornalistas e seguem para dentro, os ignorando.

Luciano volta, anda apressado, quase correndo, rumo aos repórteres. Câmeras focam nele, gravadores e microfones são apontados contra o seu rosto.

LUCIANO

Meu nome é Luciano, sou irmão de Lavínia Feitosa, dona da empresa LAEL que deu uma coletiva de imprensa que viralizou esses dias na internet. Minha irmã sofreu um verdadeiro atentado, está internada, passando por cirurgia, correndo risco de morte. Quero contar pra todo mundo o que aconteceu com minha irmã.

Os jornalistas falam ao mesmo tempo, formulam perguntas confusas, bombardeando Luciano. Flashes piscam diante dele, um microfone quase é colocado na sua boca. Nele atônito:

06. EXT. BAR. FACHADA - NOITE.

TENSÃO. Amanda estira o braço diante de Dafne, que está assustada, tentando afastá-la dos dois rapazes raivosos.

AMANDA

Já falei pra vocês meterem o pé.

RAPAZ 1

Que foi? Tá com medo de um homem de verdade, é?

AMANDA

Homem de verdade?! Cadê? Não tô vendo nenhum na minha frente.

RAPAZ 2

Olha, ela quer tirar onda com a gente. A princesa tá se achando.

RAPAZ 1

Tu merece um homem de verdade pra saber o que é bom.

AMANDA

O homem de verdade é você?

(dá uma risada sarcástica)

Ah, me poupe. Você acha que é homem agindo dessa maneira? Se manque! Se um de vocês encostar um dedo em nós duas, eu grito, faço um escândalo, sou capaz de matar os dois sem piedade. Ninguém encosta na gente.

DAFNE

(acuada)

Deixa, Amanda. Vamos embora daqui, não adianta discutir.

RAPAZ 1

Vocês tão achando que vão sair assim mesmo?

AMANDA

E tu vai fazer o quê? Hein? Vai bater na gente? Covarde!

Os dois homens dão um passo adiante. Surgem duas funcionárias do bar, ambas de avental e cabelo preso, saltando o batente de entrada do estabelecimento.

FUNCIONÁRIA 1

O que é que tá acontecendo? Que balbúrdia é essa aqui na frente?

FUNCIONÁRIA 2

Se essa confusão continuar, vamos chamar a polícia pra conter vocês.

AMANDA

São esses dois idiotas que vieram nos incomodar, a gente só tá aqui esperando o carro que chamamos por aplicativo.

Um carro vermelho encosta, Dafne olha o celular.

DAFNE

Chegou. É esse aí.

FUNCIONÁRIA 1

(p/ rapazes)

Vocês dois, circulando! Senão eu pego uma vassoura pra espantar os dois.

FUNCIONÁRIA 2

Vão embora antes que eu tire foto das fuças de vocês dois! Circulando!

As duas funcionárias se põem diante de Amanda e Dafne, que entram apressadas no carro vermelho. No veículo partindo:

07. INT. RUAS. CARRO DE APLICATIVO - NOITE.

O carro avança devagar pela rua iluminada. Dafne olha para as próprias mãos, trêmulas, e suspira fundo.

DAFNE

Cheguei a pensar que eles iam bater na gente de verdade.

Amanda passa o braço pelos ombros dela, puxando Dafne pra perto.

AMANDA

Mas não bateram. E se tentassem, eu não ia deixar. Não mesmo.

Dafne encosta a cabeça no ombro de Amanda, respirando mais calma.

DAFNE

Eu sei. Você foi incrível. Obrigada, de verdade. É... é foda, sabe? Sempre rola esse medo... de virar estatística. Eu acabei gelando na hora, não devia ter ficado inerte.

AMANDA

Eu sei que é foda pra você.
Enquanto eu puder, você não vai
estar sozinha, garanto.

DAFNE

Nem você. Tamo juntas, viu?

As duas trocam um olhar cúmplice, respirando mais aliviadas
enquanto o carro segue pela noite.

08. EXT. IMAGENS GERAIS - DIA.

SONOPLASTIA: Ariana Grande - Hampstead. A luz do sol começa a tocar os prédios, espreguiçar-se entre as palmeiras. As ruas ganham vida: carros, buzinas, vendedores de pipoca e água na calçada.

09. INT. HOSPITAL. CORREDOR - DIA.

Duas enfermeiras empurram a maca de Lavínia, ainda desacordada, pelos corredores silenciosos. O médico acompanha, lançando olhares atentos para os monitores ligados ao corpo frágil dela.

A porta de um quarto se abre, eles a levam para dentro, ajeitando tudo com cuidado. A maca é levada para um espaço separando os leitos por cortinas azuis enquanto Lavínia respira, adormecida, alheia a tudo. SONOPLASTIA OFF.

10. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - DIA.

Natália dorme desconfortável, encolhida numa cadeira de plástico, com a cabeça tombada para um lado. Mariano se aproxima em silêncio, carregando dois copos de café fumegantes.

Mariano se senta na cadeira ao lado, encosta o cotovelo suavemente no ombro de Natália até fazê-la acordar. Ele estira um dos copos de café, a oferecendo.

NATÁLIA

(abrindo os olhos, sonolenta)
Oi... que horas são?

MARIANO

Ainda é cedo. Trouxe café, tá forte, não sei se você gosta.

NATÁLIA

(pega o copo e boceja)
Obrigada. Tá com uma cara péssima.

MARIANO

(rindo de leve)
Espelho da gente. Você não vai pra aula hoje?

NATÁLIA

Nem pensar. Minha cabeça tá um caos, eu não ia conseguir ouvir uma palavra do professor. E você? Não vai pro trabalho?

MARIANO

Tenho até um evento pra ir. Mas quem é que tem cabeça pra palestra, buffet e foto com político com Lavínia assim? Não vou, não.

NATÁLIA

Não tem condições de deixar Lavínia aqui. Eu mesma tô ansiosa pra ter alguma notícia dela.

MARIANO

Ainda não veio nenhuma hoje. Obrigado pela sua preocupação, sei que ela é genuína. A gente tá junto nisso, viu? Eu sei que você ama minha filha de verdade.

NATÁLIA

Eu amo, sim. Muito.

Mariano passa o braço pelos ombros dela, puxando Natália para mais perto. Nos dois tomando café juntos:

11. INT. CASA DE EVA E MARIANO. SALA - DIA.

De camisola e chinelos, Eva se arrasta pela sala até a porta, a abrindo para Sarah e Benício. Os dois entram. Eva resguarda uma aparência cansada, abatida, com louça suja em cima da mesa.

BENÍCIO

Irmã Eva, viemos ver como você está.

Eva ergue o rosto devagar, as olheiras profundas.

SARAH

Quero saber de Lavínia. Como ela está de saúde?

EVA

Tá viva, ainda se recuperando. Ainda não tive notícias dela hoje.

BENÍCIO

Veja bem, Eva, talvez esse acidente tenha sido a mão de Deus agindo. Um castigo. Ela quis matar uma criança. É a justiça divina.

Eva balança a cabeça, os olhos se enchem de lágrimas.

EVA

Não... não fala isso. Ela é minha filha. Minha filha, Benício! Que castigo é esse? Por quê?

BENÍCIO

Entenda, Deus corrige quem Ele ama. Lavínia pode se salvar se se arrepender. Isso foi pra mostrar que pecado não fica impune.

EVA

Meu neto morreu, Lavínia perdeu o bebê. Eu não acredito nisso de castigo. Minha filha não merece isso!

SARAH

Deixa ela, Benício. Eva precisa de sossego agora.

BENÍCIO

Pense bem, Eva. É Deus mostrando o caminho.

EVA

Você acha que é quem pra dizer que minha filha mereceu isso, hein? Você não é Deus, Benício! Podes até ter um dom divino, mas Deus, tampouco Cristo, ainda não és. Você não manda em nada!

BENÍCIO

Eva, tenha cuidado com suas palavras, mulher. É o Senhor quem fala por mim.

Eva dá uma risada curta, desesperada, andando em círculos pela sala, os olhos marejados.

EVA

O Senhor não fala nada! Como Ele pôde tirar meu neto dessa forma? Que espécie de castigo é esse? Eu passei a noite... a noite esperando ouvi-lo, mas Ele não me disse nada, nem uma palavra sequer. Acho que Deus me abandonou...

SARAH

Eva! Olha a blasfêmia!

Benício tenta se aproximar, no entanto Eva o empurra de volta com força.

EVA

Não encosta em mim! Não encosta!
Sai da minha casa!

Sarah, assustada, tenta segurar Eva pelos ombros, mas ela se solta. Num impulso, Eva pega um abajur da mesinha e o arremessa contra a parede, o objeto se espatifa a centímetros de Benício.

BENÍCIO

Eva! Tenha temor! Você tá
possuída pelo/

EVA

Eu não tô possuída por nada! Cala
a boca! Cala essa boca!

Eva berra, tomada de fúria, as lágrimas agora escorrendo sem parar. Ela agarra uma almofada e arremessa, pega um porta-retratos e joga no chão, quebrando o vidro. Benício recua, erguendo os braços para se proteger.

BENÍCIO

Você tá louca! Vou embora, mas
não pense que acabou!

Eva pega outro objeto, pronta para lançar, mas Benício abre a porta e sai correndo, quase tropeçando na saída. Sarah segura Eva, que ainda luta para se soltar.

SARAH

Calma! Eva, pelo amor de Deus,
calma!

Eva desaba num choro alto, soluçando, se ajoelha no chão em meio aos cacos e almofadas espalhadas.

EVA

Ele quer tirar tudo de mim! Tudo!
Meu Deus, por quê? Por quê?

Sarah se ajoelha ao lado, abraça a irmã com força, enquanto Eva chora convulsivamente, sem forças, transtornada. Em Sarah assustada:

12. INT. CASA DE EVA E MARIANO. COZINHA - DIA.

Eva se senta à mesa, os olhos ainda inchados de tanto chorar. Sarah enche um copo com água e leva até a irmã.

SARAH

Bebe isso, Eva, devagar. Vai te acalmar um pouco.

Eva segura o copo com as mãos trêmulas, respira fundo e toma uns goles. A água escorre um pouco pelo canto da boca.

EVA

Ele quer me enlouquecer, Sarah...
Ele quer que eu fique sozinha...
quer que eu me vire contra minha filha.

Sarah se abaixa, segura a mão de Eva com delicadeza.

SARAH

Eva, você tá um pouco confusa,
não dá pra ficar assim. Não é
melhor tentar descansar um pouco?
Eu te levo pro quarto/

EVA

Quero ir ver minha filha. Quero
saber notícias dela. Vem comigo,
por favor.

SARAH

A gente vai ao hospital. Ver
Lavínia, ficar perto dela. Você
precisa ver ela, Eva. Precisa
olhar pra ela e lembrar quem é
sua filha de verdade, não o que
aquele homem planta na sua
cabeça.

Eva encara Sarah por uns segundos, com o olhar quebrado, então se agarra a ela, a abraçando apertado como uma tábua de salvação. No seu olhar transtornado:

13. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE RECEPÇÃO - DIA.

Luciano cumprimenta Mariano e Natália os abraçando.

LUCIANO

Fui à delegacia, conversei com o delegado. Descobri tudo sobre a perseguição ontem. Um cara, do nada, começou a seguir Lavínia. A polícia já tá investigando a motivação, existem imagens do veículo. Eles vão tentar localizar o dono pela placa.

NATÁLIA

(assustada)

Você tá dizendo que não foi acidente? Que alguém quis fazer mal pra ela de propósito?

LUCIANO

Exato. Já tem até investigação em andamento pra pegar o responsável.

MARIANO

Caramba, isso é pesado demais! Não esperava uma coisa dessas.

NATÁLIA

Agora entendo por que tudo está tão intenso. A gente tem que proteger a Lavínia.

LUCIANO

Com certeza tem a ver com a perseguição virtual que Lavínia vem sofrendo. Deve ter sido alguma pessoa mais inflamada que quis levar a perseguição à realidade.

Eva e Sarah aparecem. Ao ver Eva, Mariano muda de semblante, sua expressão fecha num misto de raiva e cansaço. Eva se aproxima, um tanto abatida.

EVA

Mariano, eu vim saber dela. Quero ver minha filha.

MARIANO

(irritado)

Agora? Agora você quer saber, Eva? Depois de entregar nossa vida praquele fanático mexer?

EVA

(chorosa)

Eu não fiz nada de errado! Eu só queria ajudar...

MARIANO

(firme)

Ajudar?! Você botou lenha na fogueira! Você contou tudo praquele pastor doente e agora tá aí, com essa cara de santa! É por sua culpa que fizeram isso com a Lavínia! Ela tava sendo perseguida por sua causa. A culpa é sua! Sua!

EVA

Você não pode falar assim comigo! Não é minha culpa!

MARIANO

Claro que é! Tantas e tantas vezes eu falei pra você parar, pra me ouvir, pra parar de dar ouvidos àquele pastor de araque, no entanto você só ouvia o que queria, se deixou afundar nesse fanatismo doente. É isso que você é, uma doente!

SARAH

(tentando intervir)

Por favor, Mariano. Não é hora pra esse tipo de discussão. Não faz escândalo aqui... já, já junta segurança...

MARIANO

(aponta o dedo na cara de Eva)
Você tá louca, Eva! Louca! E vai responder por tudo. Pela bagunça que fez ontem, pela agressão contra aquele enfermeiro! E pela nossa filha também!

EVA

(chorando alto)
Eu sou mãe dela! Eu sou mãe dela!

MARIANO

Você não é nada além de uma fanática. E pode esquecer, eu não volto pra sua casa nem morto. O divórcio sai, nem que eu precise te arrastar até um cartório.

EVA

(gritando)
Para com isso! Cala a boca!

CLÍMAX. Eva vira o rosto de Mariano com um tapa. Luciano, Sarah e Natália reagem. Mariano vira o rosto lentamente, fitando no fundo dos olhos de Eva. Closes alternados.

ABERTURA

14. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - DIA.

CONTINUAÇÃO DA CENA ANTERIOR: TENSÃO. Eva e Mariano se encaram fixamente, quase saindo faísca dos olhos dele. Luciano se coloca entre os dois.

Eva desaba num choro copioso. Sarah tenta abraçá-la, mas Eva se esquivava, abraçando a si mesma. Luciano olha a cena, respirando fundo, sem saber o que dizer.

NATÁLIA

Chega, Mariano. Vai fazer mal pra você mesmo ficar assim.

MARIANO

(p/ Eva, sussurrando)

Vai embora daqui! Não quero mais olhar pra sua cara! Quando eu te vejo eu sinto raiva, sinto angústia... sinto ódio. Tô começando a sentir ojeriza. Não aguento mais olhar pra você.

Mariano vira as costas, exausto, passando a mão no rosto. O clima é muito pesado. Eva se agarra a Sarah, soluçando sem conseguir falar. Sarah leva Eva para outro ponto do cômodo.

Luciano e Natália se aproximam de Mariano, o abraçando e apertando seus ombros. Em Mariano nervoso, chorando muito:

15. INT. CASA DE BENÍCIO. SALA DE ESTAR - DIA.

Tainá está sentada no sofá, abraçada a uma almofada, os olhos fixos na TV ligada. Na tela, uma reportagem exhibe imagens da delegacia enquanto Luciano, diante de vários repórteres, dá entrevista:

LUCIANO

(na televisão)

Eu acredito que foi um atentado, sim. Lavínia está em estado grave, lutando pra sobreviver. Nós vamos exigir justiça, quem fez isso não vai sair impune.

Tainá aperta mais a almofada contra o peito, engole em seco. Nesse momento, Benício surge atrás dela, vindo da entrada. Ele para ao ver a TV, arregala os olhos quando reconhece Luciano falando.

BENÍCIO

O que é isso?!

Tainá não responde, só aponta para a televisão, o semblante bem sério. Benício se aproxima, assiste em silêncio, a expressão dele endurece, o maxilar trinca. Uma repórter loira e muito bonita surge com um microfone na tela:

REPÓRTER

A polícia investiga se o crime teve motivação religiosa ou política. Sabe-se que Lavínia sofria um linchamento virtual, com vários perfis comentando mensagens machistas e ofensas contra a empresária.

Benício passa a mão no rosto, tenso, sentindo o peso do que ouve. Tainá o observa de canto de olho, sem dizer uma palavra. Na sua expressão de medo:

16. INT. EMPRESA LAEL. SALA DE REUNIÕES - DIA.

A sala está silenciosa. Amanda, Ian, Dafne e Mayke estão sentados ansiosos, trocando olhares curiosos.

Gael e Cauã entram juntos, sérios. Gael se posiciona na frente, respira fundo. Cauã permanece em pé ao lado, em silêncio, com os braços atrás do tronco.

GAEL

Bom... imagino que todo mundo tá sabendo por alto, mas a gente precisa falar abertamente. Lavínia... ela sofreu um acidente grave ontem à noite. Foi perseguida de carro, jogaram o carro dela num canal.

Amanda arregala os olhos, leva a mão à boca. Dafne fecha os olhos por um instante, tentando conter a emoção. Mayke se inclina pra frente, apreensivo. Ian abaixa o olhar.

AMANDA

Não acredito! Como ela tá?

CAUÃ

Ela tá viva, mas é grave. Ela saiu da cirurgia, ainda tá desacordada. O bebê... não resistiu.

Um silêncio pesado cai sobre a sala. Dafne solta um suspiro entrecortado. Ian balança a cabeça, incrédulo.

DAFNE

(emocionada)

Não sei nem o que dizer...

IAN

E a polícia? Já sabem quem fez isso?

GAEL

Já estão investigando. Não é hora de falar disso agora. A gente tá aqui porque Lavínia tá fora de combate. E a LAEL não pode parar.

MAYKE

(concorda com a cabeça)

A gente segura as pontas. Tem clientes, tem entrega, tem o blog, tem a equipe de revisão...

CAUÃ

Por isso que a gente chamou vocês. Cada um vai ter que puxar mais peso agora. Lavínia sempre foi o coração disso aqui, agora seremos nós. Vocês topam segurar?

AMANDA

(com firmeza)

Claro. A gente não vai deixar isso aqui desmoronar.

DAFNE

(recompõe-se)

Eu tô dentro. Pode me passar o que precisar. Eu e Amanda cobrimos o blog e os textos.

IAN

Eu fico na recepção, atendimento, o que precisar. Sem problemas. Boto até minha mãe pra escrever livro, se precisar.

MAYKE

Eu cuido do jurídico, redes e imprensa. Se vierem atrás, eu bato de frente.

GAEL

(olha para todos, emocionado)
Obrigado, de verdade. Lavínia confia em cada um de vocês, ela sempre diz que a empresa não é nossa, mas de todo mundo. Vamos fazer isso por ela.

Cauã coloca a mão no ombro de Gael como gesto de apoio. Amanda limpa discretamente uma lágrima, Dafne a abraça. Mayke respira fundo, pega uma caneta e abre sua caderneta.

MAYKE

Vamos organizar as primeiras tarefas e quem faz o quê.

ÁUDIO OFF. Mayke faz anotações na caderneta, os demais se aglomeram em torno dele, falando todos ao mesmo tempo e tumultuando o ambiente num clima amistoso. Neles:

17. INT. EMPRESA LAEL. SALA DE LAVÍNIA E GAEL - DIA.

Gael está concentrado no seu computador, cenho franzido fazendo alguma tarefa, Cauã está na cadeira de Lavínia mexendo no celular. Cauã se levanta num súbito.

CAUÃ

Bem, vou indo agora. Já fizemos a reunião, tá tudo encaminhado. Vou ao hospital ter notícias de Lavínia, depois talvez eu vá pra academia... não sei. Quer almoçar comigo?

GAEL

Combinei de sair com Ruan. Preciso resolver isso de uma vez. Pôr os pingos nos is.

CAUÃ
Fecha isso logo, Gael. A gente
não precisa de mais confusão.

Gael concorda com um aceno. Cauã dá um beijo rápido no
noivo antes de sair. Em Gael parado, pensativo:

18. INT. POUSADA. QUARTO DE ELIS E HUMBERTO - DIA.

A mesa está posta, pratos fundos com sopa quase intocados.
Humberto toma uma colherada, olhando Elis do outro lado.
Ela tenta comer, mas está pálida, a mão trêmula.

HUMBERTO
Elis, não quer comer mais um
pouco? Você ainda tá fraca.

ELIS
Não desce, Humberto. Tá tudo...
meio estranho.

Elis força mais uma colher, mas solta o talher de repente e
leva a mão à barriga.

HUMBERTO
(alarmado)
Elis?! O que foi?

Elis tenta se levantar, mas cambaleia. Quando ela se apoia
na mesa, gotas de sangue mancham a barra do vestido.

ELIS
Humberto... eu tô sangrando.

HUMBERTO
(levanta-se num pulo, corre até ela)
Meu Deus! Elis! Calma, se apoia
em mim, eu vou te levar até o
carro pra irmos à emergência.

Humberto envencilha um braço na cintura de Elis e a auxilia
a andar, um passo de cada vez. Neles indo em direção à
porta do quarto:

19. INT. RUA. CARRO DE HUMBERTO - DIA.

TENSÃO. Humberto dirige com cuidado, Elis está no banco do carona. Humberto usa encosta as costas de uma das mãos na testa dela.

HUMBERTO

Você está febril. O que cê tá sentindo?

ELIS

Só uma moleza. Senti um calafrio quando você ligou o ar-condicionado do carro.

HUMBERTO

Fica tranquila, estamos indo pro hospital.

Humberto acelera, atento à pista. Em Elis desconfortável:

20. INT. CLÍNICA. SALA DE ESPERA - DIA.

Ian chega apressado com um semblante visivelmente tenso. Ele encontra Humberto sentado numa poltrona, de cabeça baixa. Ao vê-lo, Ian se aproxima, quase sem fôlego.

IAN

Pai, o que aconteceu? Cadê ela? Já falaram alguma coisa?

HUMBERTO

(pondo-se de pé)
Já sim, filho. O médico acabou de me dizer, é uma infecção viral. O corpo dela tá fraco, sabe? A imunidade baixou muito por causa da quimioterapia.

IAN

E ela vai ficar bem? Conta a verdade pra mim, é grave? Diz a verdade!

HUMBERTO

Vão internar ela agora. Disseram
que precisa de cuidado intensivo
pra não se agravar, mas não é tão
sério.

Ian balança a cabeça, respira fundo tentando segurar as
lágrimas, mas não consegue. Ele cobre o rosto com as mãos,
a voz falhando.

IAN

Eu devia ter vindo antes... devia
estar com vocês o tempo todo...

HUMBERTO

(puxa Ian num abraço firme)
Não fala isso, filho. Você tá
aqui agora, é o que importa.

Ian se deixa abraçar, respirando fundo no ombro do pai,
tentando conter o choro. Nele agoniado:

21. INT. CLÍNICA. CANTINA - DIA.

A cantina é simples, quase vazia. Ian e Humberto dividem
uma mesa de canto, com duas xícaras de café entre eles.
Humberto observa o filho com atenção, enquanto Ian gira a
colher dentro da xícara, inquieto.

HUMBERTO

Você está me parecendo muito
abatido, filho. Isso tudo é só
pela doença da sua mãe? O médico
já disse que não é sério, apenas
uma reação natural do corpo à
químio.

IAN

É só trabalho, pai. Minha chefe
sofreu um acidente, todo mundo
gosta muito dela. Fica difícil
administrar tanta coisa ao mesmo
tempo.

HUMBERTO

Desde que saiu de casa, você quase não fala da sua vida. Mal conta como é seu dia, quem são seus amigos... não tem ninguém especial? Nenhuma moça?

IAN

(sem graça)

Ah, pai... será que esse é o melhor momento pra conversarmos sobre isso? Não consigo deixar de pensar na minha mãe naquele leito/

HUMBERTO

Eu sou seu pai, Ian. Só quero entender. Você sempre foi fechado, mas agora parece ainda mais distante. E eu sei que a vida aí fora não é fácil. Você vai me contar o que tá acontecendo ou não?

Ian engole em seco, pressionado. Closes alternados.

22. EXT. PRÉDIO EMPRESARIAL. ESTACIONAMENTO - DIA.

Gael está encostado no carro, celular na orelha. Ruan fala do outro lado da linha, o som de vozes e risadas ao fundo.

RUAN

(V.O.)

Gael, mudança de planos. Tô aqui num mutirão, ajudando a galera a pintar um muro comunitário. Vem pra cá em vez do café. Traz um pincel, se quiser.

Gael suspira, olha para o céu sem nuvens, de sol forte.

GAEL

Um mutirão, Ruan?! Logo hoje?

RUAN

(V.O.)

É. Vem, vai ser rápido. E a gente conversa melhor. Vou te mandar a localização, tá?

GAEL

Tá bem... tô indo.

Gael desliga, entra no carro e dá partida. Nele dando ré para depois sair de frente:

23. EXT. RUA. CALÇADA - DIA.

SONOPLASTIA: Marina Sena - Mágico. Gael estaciona o carro rente à calçada, diante de um muro com aparência abandonada, e observa o movimento: jovens e moradores pintam desenhos coloridos num muro comprido.

Potes de tinta espalhados, risadas, crianças recebendo uma aula de pintura de uma moça num macacão jardineira bastante lambuzado. Ruan aparece, jardineira manchada de tinta, acena sorrindo.

RUAN

Gael! Vem cá, vem ver!

Gael sai do carro, um pouco deslocado. Caminha até Ruan, que o puxa para mais perto do muro.

GAEL

Você não tava brincando mesmo, hein?

RUAN

(rindo)

Claro que não! Olha isso. É arte, é bairro vivo. Eu adoro fazer essas coisas. Junta gente, muda o lugar, muda a cabeça de quem passa.

Gael observa uma parte do mural: crianças pintam flores e palavras como "esperança", "amor" e "cuidado".

GAEL

É muito bonito. Meio caótico, mas lindo.

RUAN

É o que eu mais gosto, o caos. Dá pra ver que ainda tem saída pra tudo, sabe?

GAEL

E eu aqui achando que a gente ia tomar café pra conversar sério...

RUAN

E vamos! Mas antes, tô morrendo de fome. Vem, vou te levar num lugar que é simples, mas comida de verdade. Vem comigo.

Ruan limpa a mão suja de tinta no macacão, segura o braço de Gael com naturalidade e o puxa pela calçada. Gael sorri, rendido.

Os dois riem e se afastam pela rua, misturados às pessoas, indo em direção a um pequeno restaurante de bairro na esquina. Na rua movimentada e alegre: SONOPLASTIA OFF.

24. INT. RESTAURANTE. SALÃO DE MESAS - DIA.

Ruan e Gael estão sentados em uma mesa simples, pratos feitos, refrigerante na mesa. O ambiente é modesto, com um ventilador de teto barulhento, cheio de gente almoçando. Gael brinca com o garfo, evitando encarar Ruan.

RUAN

Tô sabendo do que houve com Lavínia, deu em todos os jornais. Como você tá com essa situação?

GAEL

Péssimo... mas não vim falar sobre isso. Vim falar de nós dois.

RUAN

Tá, então fala. Tô ouvindo.

GAEL

Olha, eu gosto muito de você. De verdade. Gosto muito da química que nós temos, das experiências que trocamos...

RUAN

Sim... e? Gael, por que você não vai direto ao ponto?

GAEL

Eu acho que tô em um momento meio... meio bagunçado.

A conversa é interrompida quando dois homens adentram o recinto. Estão com os rostos cobertos por balaclavas e portando armas de fogo, ambos em roupas pretas.

CRIMINOSO 1

(tom alto, ameaçador)

Ninguém vai sair dessa bodega até essa merda de polícia aparecer! Hoje vão ter que ouvir! Mataram um dos nossos na favela, acharam que era ladrão, era trabalhador!

O segundo homem puxa um dos funcionários pela camisa até a entrada, então faz um gesto com o revólver apontando para a porta. O empregado baixa as portas de ferro do restaurante.

Alguns clientes choram em silêncio. Gael e Ruan continuam sentados em um canto, mãos erguidas. Os criminosos derrubam algumas mesas e cadeiras, forçando os clientes a irem para o canto, junto à mesa de Gael e Ruan.

GAEL

Vocês não podem manter a gente como refém aqui dentro. Que culpa nós temos do que a polícia fez?

CRIMINOSO 1

Quer pagar de herói, porra? Quer virar notícia também? É isso?

TENSÃO. O criminoso aponta a arma para Gael, encostando a ponta do cano na sua testa. Gael se mantém imóvel, firme, o suor gotejando da testa. Ruan está apavorado, respirando apressado.

CRIMINOSO 2

Ninguém faz gracinha aqui. Se a polícia meter a cara, vai ter bala! Todo mundo vai ver o que eles fazem com a gente!

Em Gael com o revólver apontado para sua testa:

25. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - DIA.

Luciano, Mariano e Natália estão sentados, visivelmente exaustos. Cauã chega equilibrando dois copos de café.

CAUÃ

Trouxe café pra vocês. Alguma novidade?

LUCIANO

(pega um copo)
Ainda nada. Os médicos disseram que o quadro dela é estável... ainda é cedo pra dizer qualquer coisa.

Cauã se senta ao lado de Mariano e lhe entrega um copo. Mariano segura, nem bebe, olhando fixo para o chão.

CAUÃ

Mariano, por que você não vai pra casa descansar um pouco? Você não dormiu à noite, vai acabar caindo.

MARIANO

(sério, sem encarar)
Não vou sair daqui enquanto minha filha estiver nessa maca.

Natália apoia a mão no ombro de Mariano, em solidariedade.

NATÁLIA

É melhor ir pra casa. Não vai ajudar você ficar aqui exausto.

CAUÃ

Posso ficar no seu lugar, tá? Não tem problema.

De repente, a porta de vidro se abre. Benício surge no corredor. Está sério, de bíblia em mãos. Seu olhar percorre o grupo, parando em Mariano.

BENÍCIO

Bom dia. Vim ver como está Lavínia.

SUSPENSE. Todos se levantam devagar, Mariano se coloca diante de Benício, cara a cara. Natália aperta os lábios, Cauã e Luciano só observam.

MARIANO

(áspero)
Sai daqui, seu crápula! Não é hora de você vir tripudiar.

BENÍCIO

(cinismo)
Vim orar por ela. Não posso? Por vocês todos, na verdade. Vocês precisam.

LUCIANO

Você tá proibido de chegar perto da minha irmã, ouviu bem?

NATÁLIA

Você veio colher informações, não foi? Diz a verdade. Tu tá com medo e veio sondar.

BENÍCIO

Medo?! Não tenho medo, quem não deve não teme. Vim porque estou preocupado com Lavínia, ela é praticamente minha sobrinha.

MARIANO

Preocupado?! Você?! Você tem
coragem de dizer isso depois de
tudo que fez?

Benício ergue as sobrancelhas, encenando um ar de ofendido,
abraçando a bíblia contra o peito.

BENÍCIO

Sou um servo de Deus, Mariano. Só
estou cumprindo o meu papel. Vim
orar pela alma da sua filha, para
que o Senhor a perdoe por/

MARIANO

Perdoar o quê, Benício? Por não
seguir suas ordens? Por ter
coragem de viver a própria vida?

LUCIANO

Você é um covarde. Se fosse homem
de verdade, assumia o que faz
pelas costas, não se esconderia
atrás de versículo.

BENÍCIO

Vocês vão ver. Quando Lavínia
acordar, se acordar, vai entender
que precisava dessa correção.

MARIANO

(gritando)
Cala essa boca! Vai embora desse
hospital, seu sujo! Canalha!

BENÍCIO

Sabe, Mariano... se você tivesse
sido um marido de verdade, sua
esposa não estaria tão perdida.
Se você fosse homem, homem mesmo,
sua filha não teria se tornado
essa vergonha.

Mariano arregala os olhos, a respiração acelera, a veia do
pescoço lateja. Natália tenta segurá-lo pelo braço.

NATÁLIA

Mariano, não! Não faz isso!

LUCIANO

Calma, pai. Você não pode perder
a sua razão agora.

Benício ergue as mãos, como se estivesse se rendendo,
fazendo pose de vítima.

BENÍCIO

Vai me bater agora? É isso?

MARIANO

É o que você merece, seboso!

AÇÃO. Mariano se solta de Natália num impulso, avança em Benício e lhe dá um soco direto no rosto. Benício cambaleia para trás. Mariano parte para cima dele, o empurrando contra uma parede. Luciano tenta separar, porém hesita.

Benício tenta se defender, Mariano o segura pela gola da camisa e desfere outro soco, dessa vez no estômago. Benício se dobra para frente, ofegante. Mariano acerta mais um murro, agora no queixo, fazendo Benício tombar para trás.

Um enfermeiro aparece correndo para segurar Mariano. Cauã e Luciano o contêm também. Caído sobre o chão, Benício cospe sangue, tossindo com dificuldade, protegendo o rosto com as duas mãos. Mariano se debate, tentando se soltar.

MARIANO

(gritando)

Vai embora, seu falso profeta!
Você é o diabo! Vai embora daqui!

Em Mariano totalmente descompensado, com o rosto todo vermelho de tanta fúria:

A IMAGEM DE MARIANO CONGELA DEVAGAR E ADQUIRE RACHADURAS
COMO UM PEDAÇO DE VIDRO TRINCADO.

FIM DO CAPÍTULO